

Uma angustiante espera por procedimentos no HU

Demora no agendamento de cirurgias e exames pode durar meses

Nicole Goulart

pautadc@gruposinos.com.br

Canoas - Precisar de uma cirurgia já é uma aflição, mas não saber quando conseguirá fazer é uma angústia ainda maior. Pacientes e seus familiares reclamam da demora para a realização de exames e procedimentos cirúrgicos no Hospital Universitário de Canoas (HU). Demora que não se estende por dias, mas meses.

Falta de equipamentos, insumos e médicos são as razões por trás da longa espera. E muitas vezes, não é possível esperar. A família de Jorge Marco Freitas, 71 anos, lamenta que não houve tempo para ele fazer a cirurgia de ponte de safena, que aguardava há pelo menos quatro meses. Ele morreu na última terça-feira (27) enquanto aguardava o procedimento. “Deixaram esperando muito tempo, deixaram ele definir, complicar cada dia mais. Meu mundo acabou”, desabafa a filha Ludmila dos Santos, 45 anos, que, desde o ano passado brigava para resolver a situação do pai.

Maria Lúcia da Silva, também de 71 anos, também aguarda por um exame no Hospital Universitário. Ela precisa fazer uma Colangiopancreatografia Retrógrada Endoscópica (CPRE) e espera desde novembro. A idosa faz tratamento contra o câncer no Hospital Nossa Senhora das Graças (HNSG) e precisa do exame.

O cenário é desgastante não só para os canoenses, mas também para morado-

res dos outros 150 municípios que dependem do HU. “As queixas feitas pelos pacientes são totalmente verdadeiras. A desassistência acontece até em procedimentos simples”, afirma o presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), Marcelo Matias.

Quando se pensa num hospital, imagina-se equipamentos, aparelhos, bisturis, tesouras, luvas, máscaras e por aí vai. Mas é exatamente o essencial para o trabalho dos médicos, enfermeiros e técnicos que fica faltando.

Profissionais relatam escassez de aventais, luvas, folha de ofício e outros materiais importantes para o serviço. As questões são de conhecimento do colegiado do Hospital Universitário, que buscou resolver as demandas, conforme relatório de reunião realizada em novembro.

Além disso, equipamentos de hemodinâmica e máquinas utilizadas na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) e no Centro de Diagnóstico de Imagem (CDI) também já apresentaram problemas e ficaram fora de operação.

Mas outro fator é acrescentado à lista de reclamações dos médicos, de acordo com o Simers: a falta de experiência de alguns profissionais. “Estão colocando médicos recém-formados em posições que exigem mais experiência. Não só pelo serviço, mas pela tomada de decisão. Veja, não é nada contra. Só precisamos de médicos com residência”, destaca o presidente do Simers.



Hospital Universitário é referência para 150 cidades

+ Jorge não conseguiu

A angústia da família de Jorge Marco Freitas já perdurava há mais de quatro meses, porém o procedimento seguia sem data para acontecer. O hospital chegou a dar uma previsão, extraoficialmente, de que poderia ser realizada no final do ano, mas não aconteceu. O principal impedimento era a falta de profissionais necessários para o procedimento. Em novembro, o colegiado do hospital debateu o assunto, destacando a dificuldade de ter anestesistas para cirurgias cardíacas. O problema afeta cerca de 20 pacientes internos do HU, conforme cálculo apresentado na ata da reunião. Enquanto isso, o quadro do paciente se agravou. Ludmila, que já temia pela saúde do seu pai, agora sofre com a morte dele. “Lá dentro e desumano que eles fazem com os pacientes”,

desabafa.

A situação também é crítica para Maria Lúcia da Silva, 71, que está internada no HNSG desde novembro. Ela trata um câncer de fígado, consequência de uma metástase de câncer de cólon que vem tratando desde 2020. Mas precisa do Hospital Universitário para fazer o exame CPRE, já que é o único local que oferece. “Ela está com obstrução de canal biliar, pois o tumor obstruiu a região. O exame é para colocação de stent (mola) para desobstrução do canal e da bile acumulada no organismo”, conta a filha, Juliana Carneiro.

Na falta do exame, a canoense precisou paralisar a quimioterapia, relata a filha. “Sem fazer esse procedimento ela vai a óbito, não vai aguentar muito tempo. Ela está com o tratamento interrompido todo esse tempo.”

O que dizem o HU e a Prefeitura

Procurada pela reportagem, a assessoria de comunicação do Hospital Universitário respondeu reclamando que a situação da instituição tem sido tratada “de forma incoerente” e “com viés tendencioso”. Já a Prefeitura de Canoas não retornou ao contato até o fechamento desta edição.

Paulo Ricardo também está no aguardo

Mesmo os pacientes que não precisam mais do HU não conseguem sair. Paulo Ricardo Borges Dias, 52, espera ser transferido para receber um cardiodesfibrilador implantável, equipamento conhecido como CDI.

O aparelho impede que ele tenha uma morte súbita cardíaca, após ter infartado.

Segundo um atestado médico, a colocação do CDI é urgente, já que o paciente corre risco de vida. No entanto, a transferência segue incerta. A movimentação precisa ser feita pelo Estado, através do sistema do Gerint, argumenta o hospital. “O procedimento que o paciente precisa não é habilitado no HU.

Desde que foi recebido na instituição, o caso foi encaminhado com a devida urgência e presteza”, informou o hospital.

A Secretaria Estadual de Saúde não comentou o caso. Dias foi informado que toda a sua documentação estava aprovada para a transferência, mas que seguia sem previsão.

FELIPE DAVID/IFRS



Campus do IFRS quer ampliar a oferta na graduação

Consulta para novos cursos no IFRS

Canoas - O Campus Canoas do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) quer oferecer novos cursos de graduação e pós-graduação na área de Gestão. Para isso, está pedindo ajuda de estudantes, servidores e público externo para entender a demanda a comunidade.

A pesquisa conta com cinco opções de formação na graduação e mais quatro, na especialização. Os participantes podem selecionar até dois cursos cada. Além disso, o formulário traz diferentes temas que podem ser abordados nas grades curriculares.

O instituto também

busca entender quem é esse público. Quem preenche a pesquisa responde sobre idade, sexo, cidade que reside, nível de formação, relação com o IFRS Canoas (desde estudante até a comunidade externa) e se pretende fazer algum curso no futuro. Não é necessário se identificar nem fornecer documentos.

As informações colhidas serão analisadas por uma comissão, formada em agosto de 2025, para a viabilizar a abertura de novas formações. Até o momento já foram registradas cerca de 400 respostas. A pesquisa fica aberta até o dia 28 de fevereiro. (Nicole Goulart)

+ Avaliar o cenário

De acordo com a professora Jaqueline Corrêa Rodrigues, que coordena o grupo de trabalho, a pesquisa surgiu da necessidade de avaliar o cenário.

“Nós percebemos que tem diminuído o interesse no curso de Logística”, observa. Para a docente, alguns fatores influenciam nesse momento. “Pesa ter um curso presencial, principalmente depois da pandemia. Tivemos alunos que saíram para o EaD, por exemplo”, observa. “Questão dos horários do transporte público também

interfere. O nosso aluno, em geral, é alguém que trabalha o dia inteiro e vai de noite ter aula.”

Atualmente, são 36 vagas oferecidas semestralmente, mas nem todas estão sendo preenchidas nos últimos tempos. O curso de Logística é um dos primeiros implementados no campus Canoas e deve continuar sendo oferecido. Por outro lado, o curso Gestão de Projetos e Inovação, oferecido na pós-graduação, tem bastante procura. “A pesquisa é jeito de otimizar os recursos que temos.”

Para 2027

Junto com a pesquisa, a comissão também deve consultar a Administração municipal e a indústria para ter mais informações sobre o cenário da área de gestão. Os resultados devem ser entregues até o final de 2026. A demanda ainda deve ser avaliada por outras instâncias dentro do instituto antes de sair do papel. “Depois tem estudos para ver a viabilidade de carga horária dos professores já que estamos com o máximo. A nossa ideia é que entrasse já em 2027, mas isso tem uma burocracia”, conclui a professora Jaqueline.